



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

12353 - Resumo Expandido - Trabalho - XXVI Encontro de Pesquisa Educacional do Nordeste – Reunião Científica Regional Nordeste da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação – ANPEd Nordeste (2022)

ISSN: 2595-7945

GT23 - Gênero, Sexualidade e Educação

“EXISTIRMOS A QUE SERÁ QUE SE DESTINA?” ESCRIVIVÊNCIAS E MATERNIDADES-MATERNAGENS NO ENSINO SUPERIOR

Marilene dos Santos Queiroz - UNEB - Universidade do Estado da Bahia

Zuleide Paiva da Silva - UNEB - Universidade do Estado da Bahia

Agência e/ou Instituição Financiadora: Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia - FAPESB

“EXISTIRMOS A QUE SERÁ QUE SE DESTINA?” ESCRIVIVÊNCIAS E MATERNIDADES-MATERNAGENS NO ENSINO SUPERIOR

1 Introdução

Situado no campo dos estudos feministas, o presente estudo/trabalho tem o propósito de apresentar os primeiros passos e ensaios de uma pesquisa de Mestrado Profissional em Educação, que estamos desenvolvendo em uma universidade pública do Nordeste. Escrito na primeira pessoa, ora do singular, ora do plural, a expectativa é olhar para as experiências interioranas de discentes negras e mães, estabelecendo um assuntar escreviente em torno dos atravessamentos das maternidades e maternagens nas trajetórias formativas de mães negras, do Território de Identidade do Sisal, a partir de suas/nossas escrituras sertanejas.

Ancorada nos estudos feministas e inspirada pelo feminismo negro (Lelia González, bell hooks, Sueli Carneiro, entre outras), intentamos mergulhar nas Pedagogias Feministas como estratégias que se confabulam como postura ética, poética, estética engajada no enfrentamento e superação das práticas racistas, sexistas, lgbtfóbicas (ABREU, 2020; FERREIRA, 2022) e tomar o conceito de “escrituras” (EVARISTO, 2021) como operador teórico-metodológico deste trilhar.

O *percebersentir* o corpo e o exercício da escutatória, escutar a si e as outras, associados ao movimento de cataplasma, através da escrita, foi o primeiro movimento para perceber esta pesquisa. Quando senti a invisibilidade, a naturalização e romantização de nossos corpos, aqui em específico os corpos de mulheres negras e interioranas que vivenciam o exercício do tornar-se mães, que são tão presentes nas universidades, compreendi que algo precisaria ser feito para nós, por nós e por outras que virão a ocupar estes espaços, de modo que este fazer provoque movimento, desassossegos, reflexões, formações, permanências e um assuntar constante.

Assim como bell hooks (2013), somos gratas a muitas/os que “ousam criar a partir do lugar de dor e luta [...], que nos provoca e desafia a renovar nosso compromisso com a luta feminista ativa e inclusiva” (HOOKS, 2013) e que ousam pensar o conhecimento e sua produção como experimentação dos corpos. Um “corpo-território” (MIRANDA, 2020) que pulsa por e para existir, em rede, na produção de fissuras educativas em um constante assuntar escreviente que se ancora no gesto das “escrevivências”.

Estarei me conectando com vidas, corpos, afetos, formações, trocas, sentidos e também com medo e dores. No momento me interessa olhar para estas mulheres, acolher suas narrativas e neste movimento olhar para si, na sintonia do escrever, “escrever” e “viver” e “escrever se vendo” (EVARISTO, 2020). Considero a escrevivência o dendê que dá sabor e consistência a uma pesquisa viva e corporificada.

É através deste movimento corporificado, circular e contínuo, como rios que se encontram e desaguam em correntezas profundas, que se expressa o desejo de vivenciar este processo com outras mães.

2 Estudantes mulheres mães na universidade

Quando iniciei as aulas do mestrado não costumava ver crianças nas “janelinhas remotas”, mas hora ou outra, nas entrelinhas, este lugar da maternidade aparecia nas falas de outras mães, exaustas. O fato é que, ocultar nossos filhos/as, nossas experiências de maternidades e maternagens e toma-las como responsabilidade única e exclusivamente nossa, está tão enraizado, ao ponto de ser “natural” não vermos ou falarmos com frequência deste desafio que é criar e educar uma criança ou adolescente. E sobretudo, de problematizarmos esta condição do maternar como exclusivo da mulher.

No século XXI verificou-se um aumento de blogs, perfis de redes sociais, grupos, estudos e pesquisas que expressam questões relativas as maternidades e maternagens. No campo das pesquisas e estudos, a psicologia, ciências sociais e saúde são as áreas de conhecimento que mais concentram este debate. No âmbito da educação, embora concentre consideráveis pesquisas, ainda se tem muito a avançar. Assim como gênero, raça,

sexualidade, classe se intersectam, a maternidade e a maternagem são categoria que merecem atenção, sobretudo quando lidamos com vidas em suas mais diversas existências. No que tange a educação, este universo permeia desde a educação básica até o ensino superior, em um movimento que perpassa por inclusão, permanência e progressão.

Retomo as indagações feitas anteriormente e me ponho a pensar: como educadoras em formação, ao refletir/vivenciar as maternidades e maternagens, podem produzir fissuras em suas práticas educativas, ao mesmo tempo em que me pergunto como está sendo a relação do “tornar-se mãe” e a trajetória formativa? Está sendo possível conciliar em um contexto pandêmico? O que a pandemia provocou na *vidaformação*? O que aquilo que é tratado como/nos bastidores da academia revelam sobre nossas presenças? E quanto a permanência de mães negras sertanejas na universidade?

Ao falar em pandemia, esta que tem acentuado ainda mais as desigualdades sociais, me questiono como tem sido estabelecidas as redes de apoio em tempos de isolamento? Se antes da pandemia as mães vivenciavam a realidade de levar seus filhos/as para a universidade ou quando era possível deixá-los em algum lugar, nos últimos dois anos os desafios se multiplicam em decorrência do isolamento e dos atravessamentos da pandemia em suas profissões, vidas e condições econômicas.

As aulas de Leitura e Cultura Visual, disciplina optativa que cursei no primeiro semestre, sempre me deixavam com o coração quentinho. Para a minha surpresa, a professora sempre estava acompanhada do seu pequeno filho e aquilo para mim era muito representativo. Embora seja uma condição que não deve ser romantizada.

Quando assumi para minha turma, o desejo de olhar com mais atenção para as experiências de mulheres sertanejas, do tornar-se mãe, seus atravessamentos e o quanto era desafiador para nossa formação, percebi um movimento de desabrochar de experiências silenciadas. Comecei a receber fotos e relatos de colegas que vivenciaram esta experiência na graduação e estavam vivenciando na pós-graduação.

Desde que adentrei a universidade e tive a oportunidade de vivenciar a graduação em pedagogia, a educação, passou a ocupar um espaço de transformação e transgressão de vida. Acredito ser, a formação docente, um dos alicerces chave para este “experimentar da educação como prámtica de liberdade”. Um convite feito por Paulo Freire (1967) e bell hooks (2013), através daquilo que Freire aciona como “conscientização em sala de aula” e hooks incrementa como “consciência e engajamento crítico”.

Pensar em formação docente é permitir mergulhar na indagação que Eduardo Miranda (2020) se põe a refletir, ao falar de “formação docente para o *corpo-território*”: “qual a minha perspectiva de sociedade?”. Compartilho de sua inquietude por entender que ela diz muito sobre as presenças no contexto educacional, aqui em destaque a universidade.

Em suas palavras, “o educador da educação básica ou do nível superior, sobretudo

no contexto do Nordeste brasileiro, não pode negar que os corpos que estão construindo a sua passagem pela escolarização são majoritariamente corpos negros” (MIRANDA, 2020, p. 85), sendo a educação o fio condutor para a compressão das questões de gênero, raça, classe, sexualidade e territorialidade. Fatores que moldam as realidades.

Foi acreditando na potência da educação, e aqui em destaque a formação docente, que defendo a importância de aguçarmos os olhares para aquilo que atravessa a itinerância de muitas estudantes de licenciatura e abre possibilidades para construirmos transgressões de vida, prática docente e lutas por permanências - às maternidades e maternagens. Estabelecer esta relação entre maternidade, maternagens e formação docente é uma oportunidade de mergulhar em discussões que estão no seio da sociedade e presente nos corpos que pulsam por permanência no contexto acadêmico.

A garantia de uma formação de qualidade para mães perpassa por uma dimensão crucial no contexto da universidade, a permanência. Se a luta de muitas mulheres, por séculos, se deu pelo acesso à educação, ao ensino superior, hoje se amplia para o permanecer. Os desafios de estudantes mães negras têm levado a desistências, que por vezes, são silenciadas e naturalizadas nos espaços formativos.

Em “Muro das palpitações: um manifesto de mães universitárias”, a pesquisadora Regiany Carvalho (2020) evidencia duas conquistas importantes para mães acadêmicas. A primeira diz respeito a licença maternidade, concedida através da portaria 248 de 11 de dezembro de 2011 da CAPES, a qual permite o direito à prorrogação de bolsas, destinadas a titulação de mestras e doutoras, por mais quatro meses em casos de parto durante sua vigência. A segunda conquista, diz respeito a inclusão de uma aba na plataforma do currículo Lattes indicando período de licença maternidade e paternidade, anunciada em 2019 pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). A iniciativa se deu através de uma carta de mulheres pesquisadoras, pertencentes ao movimento *Parent in Science*, projeto que surgiu com a iniciativa da pesquisadora Fernanda Stanikuaski, do Rio Grande do Sul, pensando nas mães que aliam a carreira acadêmica e a maternidade e a necessidade de lutar pelo direito destas mulheres (Carvalho, 2020).

A pesquisa, “A maternidade na casa de estudantes da UFSM: desafios e conquistas das acadêmicas mães moradoras da CEU”, de Katiúcia Pletiskaitz (2018), realizada com quatro mães estudantes da Universidade Federal de Santa Maria e moradoras da Casa de Estudante Universitária, traz em seu bojo uma conquista importante para as mães estudantes do Departamento. Katiúcia evidencia que a UFMS formalizou a moradia de crianças com as mães na CEU, garantindo-lhes o direito ao auxílio-creche no valor de uma vez e meia o valor da Bolsa PRAE, conforme o Art.2º, § 3º presente na Resolução Nº 025/2014 (UFSM, 2014) da UFSM. A creche, considero uma reivindicação necessária, possibilita o compartilhamento das responsabilidades. Um espaço educativo e propício a possibilitar a permanência de mães estudantes que não conseguem outras redes de apoio para cuidar das/os filhas/os.

Os estudos de Katiúcia Pletiskaitz e Regiany Carvalho, foram importantes para esse movimento de vivenciar a pesquisa. Através delas tive acesso a movimentos e coletivos de mães na universidade, pude conhecer algumas conquistas e direitos alcançados por outras instituições, que aguçaram meu olhar para pensar em possibilidades de intervenções e lutas a serem reivindicadas, em prol de garantias e permanências.

3 Considerações inacabadas

Reconhecendo que as discussões sobre maternidades e maternagens negras são frequentemente invisibilizadas ou diluídas nas perspectivas universais que abordam sobre “mães”, entendemos que estas reflexões requerem atenção para as clivagens de gênero, raça, bem como classe, sexualidade e territorialidade, atravessamentos que moldam as vivências de mulheres e atravessam suas trajetividades formativas.

Em se tratando do âmbito educacional, as experiências de estudantes negras e mães interioranas, na maioria das vezes, ocupam o lugar do silêncio camuflado de luta diária por permanências e formações. Ao revisitarmos a história do ensino superior, compreendemos que este foi historicamente negado a população negra. Quando uma mulher negra adentra a universidade, ela não chega sozinha, com ela estão aqueles/as que não tiveram direito, assim como, um horizonte de lutas pelas presenças dos nossos corpos nestes espaços, com suas singularidades e necessidades específicas. É nesta perspectiva que consideramos urgente romper com o silenciamento das experiências de mães negras na universidade, por uma reestruturação de espaços mais equitativos.

Embora se evidencie alguns avanços, muito se tem a reivindicar quando o assunto é permanência em condições de equidade. Vale salientar a necessidade de um olhar aguçado para as mães da graduação, aqui em destaque as pertencentes aos *campi* do interior, que vivenciam diariamente o deslocamento de comunidade/povoados e suas cidades para vivenciar a formação em outras cidades.

Uma das demandas que consideramos necessárias é a implementação de creches nas universidades, esta é uma reivindicação que costumávamos pautar enquanto movimento estudantil e Diretório Acadêmico (DA) de Pedagogia. Consideramos salutar para os Departamentos de Educação, podendo ser um caminho possível de reivindicação junto as mães participantes desta pesquisa, inclusive um outro caminho possível seria a luta por parcerias entre a Universidades e os municípios onde as mesmas estão localizadas, visto que, beneficiaria a comunidade interna e externa.

Referências

ABREU, Laís Oliveira. **Pedagogia feminista no território escolar**: devires cartográficos no enfrentamento da violência sexual infantil. Dissertação. [Mestrado Profissional em Educação e Diversidade], UNEB, Jacobina - BA 270f, .2020;

CARNEIRO, Sueli. Enegrecer o feminismo: a situação da mulher negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de (Org.). **Pensamento Feminista: conceitos fundamentais**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019, p. 313-321.

CARNEIRO, Sueli. **Mulheres em movimento**. *Estudos Avançados*, 2003. Recuperado de <https://www.revistas.usp.br/eav/article/view/9948>.

CARVALHO, Regiany Alves. **Muro das Palpitações: um manifesto de mães universitárias**. 2020, 50 p. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Uberlândia, Pós-graduação em Educação, Uberlândia, 2020.

EVARISTO, Conceição. A escrevivência e seus subtextos. In: DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabella Rosado (org). **Escrevivência: a escrita de nós**, 2021.

FERREIRA, Daniele. **Quem vê os flashes não vê os corres**: práticas educativas atravessadas pelas pedagogias feministas sertanejas nas escolas estaduais de Conceição do Coité – Ba. Dissertação. [Mestrado Profissional em Educação e Diversidade], UNEB, Conceição do Coité, 142 f., 2022.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1967.

GONZALEZ, Lélia. **Por um Feminismo Afro-Latino-Americano: Ensaios, Intervenções e Diálogos**, Rio Janeiro: Zahar. 2020, 375 pp.

HOOKS, Bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**. Tradução de Marcelo Brandão Cipolla. – São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2013.

HOOKS, bell. **O feminismo é para todo mundo** : políticas arrebatadoras. 1 ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2018. E-book.

HOOKS, bell. **Teoria feminista da margem ao centro**. São Paulo: Perspectiva, 2019.

MIRANDA, Eduardo, O. **Corpo-território & educação decolonial**: proposições afro-brasileiras na invenção da docência. Salvador: EDUFBA, 2020. 207 p. Disponível em: <http://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/32375>.

PLETISAITZ, Katiúcia. **A maternidade na casa de Estudantes da UFSM** : desafios e conquistas das acadêmicas mães moradoras da CEU. 2018, 133p. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Santa Maria – RS, 2018.